

“O PAPEL ROXO DA MAÇÃ”: AMPLIANDO O REPERTÓRIO ARTÍSTICO-LITERÁRIO DO LEITOR POR MEIO DA RELAÇÃO IMAGEM-TEXTO¹

José Ignacio Ribeiro Marinho – UFJF
Ângela da Silva Gomes Poz – IFF
Giselda Maria Dutra Bandoli – IFF
Helga Carvalho Baptista de Almeida – UFJF
Joseani Adalemar Netto – UFJF

RESUMO: O presente artigo sugere a aplicação e o desenvolvimento de uma sequência didática com base em *O papel roxo da maçã*, de Marcos Bagno, nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, em sétimos anos, em três escolas municipais, em Itaperuna/RJ, Paraíba do Sul/RJ e Santos Dumont/MG. Objetiva-se uma possibilidade de ampliação do repertório artístico-literário do leitor, envolvendo os discentes das escolas, para que consigam compreender a relação imagem-texto presente na obra de Bagno. Como aporte teórico, recorreremos a Candido (2004), Biazetto (2008), Zohar (2013), Iser (1996), dentre outros. Outros professores, além dos professores de Língua Portuguesa, poderão ter nesta proposta um caminho para o trabalho com o texto verbal e o não verbal em suas aulas.

Palavras-chave: práxis pedagógica; *O papel roxo da maçã*; repertório; imagem-texto; língua portuguesa/literatura.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, busca-se contemplar uma sequência didática a ser aplicada e desenvolvida em três escolas municipais, em Itaperuna/RJ, Paraíba do Sul/RJ e Santos Dumont/MG. As turmas que farão parte dessa intervenção serão os sétimos anos, com uma média de trinta alunos em cada turma, cuja faixa etária vai dos doze aos treze anos de idade. A partir de adaptações, feitas por professores que queiram se basear nesta sequência, ela poderá ser desenvolvida em outros anos/séries, visando à ampliação do repertório verbal e não verbal dos alunos envolvidos.

Tal projeto justifica-se pelo fato de que os textos verbais estão sempre presentes nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, já os não verbais costumam ficar em segundo plano. Comumente, as disciplinas que mais usam tais textos são Ciências, Geografia, Geometria e Matemática, tendo em vista textos como árvores genealógicas, gráficos, infográficos, legendas, layouts, logotipos, mapas, placas, dentre outros.

Os docentes de Língua Portuguesa/Literatura devem trabalhar os textos não verbais no contexto escolar, a fim de ampliar e desenvolver o repertório dos discentes, mediando, por meio dos olhares individuais, sua participação também em espaços não escolares, coletivos, para que possam ser capazes de olhar para o seu entorno, ressignificando-o, a partir da leitura não verbal que o envolve.

Dividido em duas partes, este artigo ancora-se nas teorias de autores como Candido (2004), Iser (1996), Biazetto (2008), Zohar (2013), dentre outros. A sugestão de sequência didática é a segunda parte, que mostrará um caminho para a ampliação do repertório artístico-literário do aluno, levando em consideração a leitura de imagens em um texto narrativo.

¹ XIV Congresso Internacional de Tecnologia Online - Novembro/2020

2 Pressupostos teóricos

Antonio Candido (2004), em *O direito à Literatura*, defende a fruição da Literatura como um dos direitos essenciais à humanidade e, apesar de ele não se reportar nomeadamente a textos infantojuvenis, eles estão incluídos, de forma necessária, quando o autor se refere a todas as modalidades de Literatura.

Conforme o autor, a Literatura apresenta três facetas, sendo uma delas, a mais fundamental, a da construção estética, dado que “[...] é o que decide se uma comunicação é literária ou não” (CANDIDO, 2004, p. 177). Sendo assim, salienta que:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: **(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado**; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (Idem, p. 176) [grifos nossos].

Um dos papéis do ambiente escolar é possibilitar, democraticamente, o acesso de todos os alunos à construção estética que caracteriza a criação ficcional e literária. A linguagem artística pertence a esse universo e não se assenta apenas no território cognitivo, mas no humanitário, pois capta a realidade e a transforma. Carlos *apud* França (s.d., p. 98), diz que “com efeito, o exercício da cidadania contemporânea demanda a aprendizagem de novas competências, exige uma educação do olhar. Do ver e do analisar criticamente o mundo pela mediação de imagens”.

Hoje, deparamo-nos com um rol de experiências estéticas, tais como fotografias, grafites, instalações artísticas, obras cinematográficas, performances, dentre outros. Além disso, temos as experiências advindas das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação), assim, a imagem, como elemento semiótico, caracteriza-se enquanto uma forma de ler o mundo.

Consoante Biazetto (2008, p. 75), “o ato de ver é muito mais que uma função fisiológica do nosso olho; envolve um processo dinâmico e característico da consciência humana”. Diante de uma imagem é necessário a aprendizagem visual, esforço intelectual e percepção estética, baseando-se na (des)construção/(re)construção do olhar tão “engessado” pela rotina. Biazetto (2008, p. 76) também diz que “a percepção de uma imagem envolve a relação do leitor com ela, como ele a vê, pois o olhar compreende as experiências vividas por aquele que olha”. Ainda, acrescenta que “a percepção de uma imagem depende de quem olha e do que está em seu entorno” (Idem, p. 76).

Professores de Língua Portuguesa/Literatura precisam preparar os alunos para irem além da compreensão racional-imagética, isto é, atingirem a subjetividade, trazendo à tona leituras em que não há apenas um sentido, e que sejam ressignificadas por eles. Em linhas gerais, deve ser ofertada aos alunos a possibilidade de uma fruição estética em abundantes formas. É necessário que se trabalhe, em textos não verbais, perspectivas, pinceladas e simetrias.

Trata-se, evidentemente, de um trabalho delicado, já que um dos focos é o universo da subjetividade, mas a mediação é a palavra-chave, quando se trata de leitura de imagem. O professor, ao lado do aluno, pode ajudá-lo a buscar, a criar conexões, a (des)construir, a desvelar, a (re)construir sentidos e significados. Compete também a ampliação e desenvolvimento do repertório dos alunos a partir de seus olhares, mediando os universos coletivos e individuais, sempre de maneira questionadora, a fim de que a construção estética não seja um empecilho para a compreensão e para a fruição das obras. Para tanto, é necessário que se tenha em mente que “o olhar é, portanto, um ato de escolha” (BIAZETTO, 2008, p. 76-77).

Iser (1996) estabelece como importantes os repertórios relativos tanto às normas, aos valores sociais e aos sistemas de conhecimento de uma época, por um lado, como aos modos de fazer Literatura, que perduram na tradição literária, por outro.

O repertório do texto designa o material selecionado pelo qual o texto é relacionado ao sistema de seu ambiente, que em princípio são sistemas da vida social e sistemas da literatura do passado. Normas contidas e referências literárias situam o horizonte textual, que constitui um contexto específico de referências, a partir do qual o sistema de equivalências do texto deve ser criado (ISER, 1996, p. 159).

Tendo em vista que é necessário ampliar o repertório do jovem leitor, acreditamos que com este projeto podemos proporcionar algumas aquisições de habilidades de leitura relacionadas entre imagem e texto. Even-Zohar (2013) concebe um polissistema literário, dinâmico e heterogêneo, no interior do qual repertórios (modos de fazer Literatura) sobrevivem ou não, no interior de sistemas múltiplos, além daquele canonizado como central: o sistema da literatura infantil e juvenil, o sistema das traduções, o sistema das adaptações etc. Nessa concepção, os sistemas culturais são interligados. Consideramos a relação entre imagem e texto como parte do sistema literário, embora também pertença ao sistema das artes visuais.

Rossi apud França (s.d., p. 103), no que concerne à leitura de imagens, enfatiza que a leitura estética apresenta três níveis, a saber: **realística; ingênua, realística e complexa, metalética; complexa, metalética** [grifos nossos]. Clarificando esses três níveis, ressaltamos que o primeiro se baseia no que a imagem representa fisicamente; por sua vez, o segundo considera a imagem como cópia do mundo; por fim, o terceiro transcende à interpretação, já que busca outras possibilidades. Costuma-se explorar, dentro do ambiente escolar, os dois primeiros níveis, abandonando, de certa forma, o terceiro. No entanto, este último, por buscar outras possibilidades, torna-se o mais necessário para os discentes, dentro e fora do contexto escolar.

Como uma proposta de experiência estética, trazemos a leitura de uma obra literária, *O papel roxo da maçã* (2012), de Marcos Bagno, considerando o diálogo entre texto e imagem, como elementos complementares e não dissociativos.

1. Sequência didática sugerida – 3 etapas desenvolvidas em 11 aulas

Etapa 1 – aula 1 (50min.)

Objetivos: conhecer a capa do livro que será lido; o autor que o escreveu; sua motivação etc. Apreciar a capa e inferir sobre o conteúdo do livro.

Estratégias: o professor projetará a imagem da capa do livro no quadro e, em forma de diálogo, apresentará o autor aos alunos. Depois fará perguntas de inferência como:

- Observem a capa do livro. Já conhecemos o autor. O que podemos imaginar sobre a história que será contada?
- A que tipo de público a história está destinada?
- Podemos pensar em quem é a personagem principal dessa história? Comente.

Imagem 1



Disponível

em:

<https://www.google.com/search?q=o+papel+roxo+da+ma%C3%A7%C3%A3&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiV55zx36jiAhURA9QKHf5pBE0Q_AUIDigB&biw=1366&bih=625#imgrc=gx8BhhKy1iJHCM>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

Sobre o autor:

O papel roxo da maçã é um livro infantil criado por Marcos Bagno, escritor, linguista e professor, e ilustrado por Sérgio Ramos. O livro foi publicado pela primeira vez em 1989, pela Editora Positivo. Além disso, recebeu o Prêmio João de Barro, em 1989 – Júri Infantil. Também possui o Selo “Altamente Recomendável”, 1989 – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

De acordo com Bagno (2012, p. 60),

Este livro foi o primeiro que escrevi para as crianças, quando estava para nascer minha primeira filha, Júlia, que hoje tem mais de vinte anos. Tive a ideia de escrever essa história quando ouvi o escritor Bartolomeu Campos de Queirós dizer: “o primeiro livro que li foi o papel roxo da maçã que meu pai trazia de longas viagens”. Achei muito bonito e resolvi criar um livro para caber nesse título!

Além de ser dedicado a Júlia, também o é a Maria Valentina e a Miguel Estêvão. *O papel roxo da maçã* possui cinquenta e nove páginas de história e traz à luz a narrativa de uma menina, de nome Rosa, que, conforme o escritor,

Ao retornar de viagem, o pai da menina Rosa lhe deu uma fruta que ela nunca tinha visto antes – uma maçã – e que veio embrulhada num papel de seda roxo. Para o espanto de todos, Rosinha colocou o papel junto à orelha e ouviu tudo o que ele lhe contou: onde o pai comprou a maçã, quem a vendeu e quanto custou a fruta. Num outro dia, mesmo sem ainda saber ler, a menina comentou a história que estava dentro de um livro. Será que Rosinha tinha o dom de adivinhar? (Idem).

Etapa 1 – aula 2 (50min.)

Objetivos: conhecer o interior do livro por meio das imagens e sua personagem principal.

Estratégias: o professor projetará a imagem livro no quadro e, em uma roda de conversa, apresentará a imagem 2, perguntando aos alunos:

- Agora que você já conhece a capa do livro, seu autor e algumas curiosidades, aprecie, atenciosamente, a imagem abaixo, retirada do livro *O papel roxo da maçã*, e, posteriormente, responda às perguntas.

Imagem 2



Fonte: Bagno (2012, p. 4).

- 1- O que você está vendo e o que a personagem parece estar fazendo?
- 2- Como ela é fisicamente? Como ela aparenta ser psicologicamente?
- 3- Que idade você acha que ela tem?
- 4- Onde ela está? Como parece ser o lugar? Que outros elementos aparecem na imagem?
- 5- As roupas de Rosa parecem contribuir para que você saiba algo sobre ela?
- 6- Nesta imagem, há a presença de linhas? Como são as cores (claras, escuras, esfumadas)? E os formatos (não planos, planos)?
- 7- Essa imagem lembra algo específico da história de sua vida?

Etapa 1 – aula 3 e 4 (50min. cada aula)

Objetivos: conhecer o interior do livro por meio das imagens, outros personagens e as relações com a personagem principal do livro.



Fonte: Bagno (2012, p. 56).

6- De acordo com o que você leu, o que Rosa está fazendo na imagem 7?

7- O que o pássaro colorido sobre sua cabeça e as formigas sobre o livro representam? Essa ilustração colabora com o sentido do que é narrado na história?

Etapa 1 – aula 5 e 6 (50min. cada aula)

Objetivos: discutir as respostas dadas nas atividades anteriores; conhecer o interior do livro por meio das imagens e a história que está sendo contada por meio das imagens do livro.

Estratégias: após a discussão com os alunos sobre as respostas dadas, o professor projetará as imagens do livro no quadro e que estarão no material replicado para o aluno. Os alunos responderão às perguntas feitas pelo professor (folha A4 xerox), no seu caderno de aula, e depois compartilharão suas respostas oralmente com os colegas.

Imagem 8



E Adélia, que já era escritora (só que ainda não sabia), ia pelo caminho de casa cantarolando assim:
— Cabeça, minha cabeça,
que de lembrar não se cansa,
guarda bem por toda vida
minha vida de criança...
Quero me lembrar de tudo
do que fiz, do que ouvi,
dos sustos todos que tive,
das coisas boas que vi...
Vou escrever vinte livros,
ou talvez escreva trinta,
ou então, quem sabe, mil,
desde que não falte tinta...
Se quando eu crescer, porém,
de alguma coisa me esquecer.

Imagem 9



será sua toda a culpa,
cabeça, minha cabeça...
Mas não vou ficar zangada,
vê bem, cabeça de vento:
aquilo que se perde
eu mesma pago e invento.
Se contar tudo com jeito,
me livro do esquecimento,
vou eu mesma acreditar
no meu próprio fingimento...
Cabeça, minha cabeça,
que de lembrar não se cansa,
guarda bem por toda a vida
minha vida de criança...

Fonte: Bagno (2012, p. 46-47).

8- As imagens 8 e 9 são composições de figuras que representam o lugar por onde Rosa, Adélia e as amigas passeiam. Crie uma hipótese que possa explicar porque o ilustrador optou por compô-las a partir de livros.

9- As duas ilustrações completam que ideia do texto escrito?

Etapa 1 – aula 7 (50min. cada aula)

Objetivos: ler toda a história; interpretação do texto verbal e não verbal.

Estratégias: após a discussão com os alunos sobre as respostas dadas nas aulas anteriores, o professor pedirá a eles que respondam às seguintes questões (oralmente), roda de conversa.

Lida a obra na íntegra, responda com base em suas interpretações:

1 – O que o papel roxo da maçã representa para Rosa?

2 – Por que Rosa ouve o que o papel conta? O que significam as contações do papel?

3 – Por que Rosa e Adélia não queriam esquecer, quando crescessem, os “poderes” que tinham de ouvir o que certos objetos lhes contavam? Segundo a narrativa, que fatores poderiam fazê-las esquecer?

4 – O que a mãe de Rosa pensa sobre o fato de a filha “ouvir” os objetos?

5 – Após a leitura, suas impressões iniciais a respeito da obra se confirmaram ou foram diferentes daquilo que havia imaginado sobre o que a história abordaria (leve em consideração a impressão que você teve, inicialmente, apenas ao observar a capa e a primeira ilustração do livro).

Etapa 2 – aula 8 e 9 (50 min. cada aula)

Objetivos: avaliar o que foi aprendido mediante a realização da etapa anterior com ancoragem em produção de texto narrativo; partir da associação de uma frase do poeta Mário Quintana e de uma imagem para a escrita de um texto narrativo.

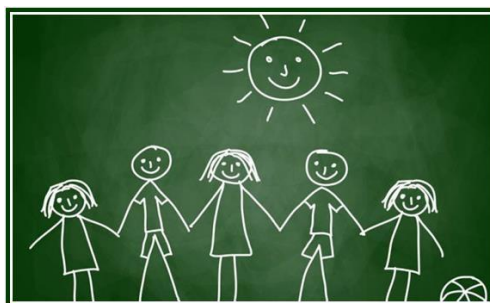
Estratégias: apresentar aos alunos a imagem e a frase abaixo em uma folha A4 para cada um. Pedir que pensem, reflitam sobre a relação que a imagem e a frase têm entre si. Após essa reflexão, individual, pedir aos alunos que respondam à proposta dada.

1 - Produza uma história a partir do que a imagem e o texto abaixo despertam em seu pensamento. Crie personagens, localize as ações no espaço e no tempo, pense em um conflito a ser resolvido e dê um excelente desfecho à sua criação.

“A amizade é um amor que nunca morre.”

Mário Quintana

Imagem 10



Disponível

em:

https://www.google.com/search?q=+desenho+de+fam%C3%ADlia+giz&tbm=isch&ved=2ahUKEwjotY7uj5TqAhXIA7kGHamRAYcQ2cCegQIABAA&oq=+desenho+de+fam%C3%ADlia+giz&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECAAQQzoCCABQhg9Y7B9goSBoAHAAeACAAdMDiAHVCZIBBzItMi4xLjGYAQCgAQGqAQtd3Mtd2l6LWltZw&sclient=img&ei=ofXvXqjhDsiH5OUPqaOGuAg&bih=654&biw=1366&client=firefox-b-d#imgrc=IT81J4awcy1UhM. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

Etapa 3 – aula 10 e 11 (50 min. cada aula)

Objetivos: analisar por meio das produções textuais se os alunos foram capazes de compreender a relação entre imagem e texto estudada nas etapas anteriores.

Estratégias: Recolher as produções, ler atentamente e analisar se elas refletem o aprendizado esperado sobre a relação entre texto e imagem. Devolver aos alunos para que possam reescrever seus textos e apresentar as histórias aos colegas de classe por meio da leitura.

3 CONCLUSÃO

Aqui, apresentamos uma sugestão de sequência didática, assim como o livro *O papel roxo da maçã* (2012), de Marcos Bagno, por meio de uma série de leituras de imagens, como uma possibilidade de ampliação do repertório artístico-literário do leitor. Defendemos, enquanto professores de Língua Portuguesa/Literatura, que essa ampliação de repertório só será possível se forem oportunizadas aos alunos diversas experiências estéticas, dado que é no âmbito do sensível que nos articulamos conosco, com os outros e também com o mundo.

Entendemos que a leitura de imagens ainda fica à deriva se comparada, por exemplo, com a leitura de palavras. Quando tal é trabalhada, costuma reduzir-se ao nível realístico. Conforme afirmamos no início do presente artigo, a sequência didática ainda será aplicada e desenvolvida. Esperamos que a partir da aplicação e do desenvolvimento desta haja determinado impacto nas três turmas de sétimo ano, das três escolas públicas. Esperamos, também, que o presente trabalho sirva de fonte a muitos professores, da rede pública ou não, especialmente de Língua Portuguesa/Literatura.

Referências

BAGNO, M. **O papel roxo da maçã**. 10 ed. Curitiba: Positivo, 2012.

BARBOSA, A. M. Educação e desenvolvimento cultural e artístico. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 9-17, jul/dez. 1995.

BIAZETTO, C. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. Org. Ieda de Oliveira. Ed. Difusão Cultural do Livro, 2008.

CANDIDO, A. O direito a literatura. In:_____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos polissistemas. **Revista Translatio**. v. 4. p. 2-21, 2013 [Marozo, Luis Fernando, Carlos Rizzon & Yanna Karlla Cunha trans.].

FRANÇA, T. M. S. Leitura, arte e educação. **Curso Formação de mediadores de leitura**. Universidade Aberta do Nordeste. Fundação Demócrito Rocha. s.d.

ISER, Wolfgang. O repertório do texto com o leitor. In: **O ato da leitura. Uma Teoria do efeito estético**. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996, p.101-157.